**Resumo** do artigo: “*Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social. Estados Afetivos. EDUSP.*” – Otta, E. & Bussab, V. (2021)

O texto aborda o comportamento pró-social (definido como a ação de um indivíduo em benefício de outro), a partir da ótica do modelo da percepção-ação (MPA), e busca integrar aspectos afetivos (a) e cognitivos (c) da empatia, ressaltando que é impossível optar por um deles (ainda que em algumas ocasiões um ou outro possa prevalecer), na busca da compreensão de influências psicológicas e evolutivas para este tipo de ação.

Para tanto, as autoras ampliam a compreensão sobre empatia ao apresentarem seu conceito cognitivo (relacionado à teoria da mente) como “saber/reconhecer como o outro se sente e o que está pensando, reconhecendo que é diferente se seu próprio pensar e sentir”; e seu traço afetivo, como a resposta emocional que temos diante dos estados emocionais dos outros. Nesse sentido, a empatia é apresentada como mecanismo e não como análise ou decisão, ao contrário do altruísmo (outro conceito essencial apresentado no texto), definido como a ação direcionada para o bem dos outros, com implicação moral e que poderá se utilizar de inputs empáticos na composição de sua motivação e análise de custo-benefício, direcionado a um comportamento cooperativo.

O texto traz a reflexão sobre a motivação para a cooperação trazendo três mecanismos para explicar sua evolução: 1. Seleção de parentesco - ações altruístas seriam potencializadas pelo grau de proximidade de parentesco; 2. Altruísmo recíproco - facilmente compreendida no contexto atual como “uma mão lava a outra” e construção de reputação; e 3. Seleção de grupo – estratégia de agir com base na visão de um grupo selecionado, como organismo de nível superior, ao invés de decidir a ação com foco intragrupo.

O MPA é apresentado com 3 níveis de complexidade de comportamento empático. Desde o mais básico EMCE – espelhamento motor e contágio emocional – observação da mudança comportamental como gatilho para ação e transferência fisiológica ao observador; avançando para PECO – preocupação empática e consolo – como processo mais complexo de construção da percepção e definição da ação de suporte; chegando finalmente a APAD – adoção de perspectiva e ajuda direcionada, movimento mais rebuscado de identificação de como contribuir e desenvolver a ação.

Finalmente, as autoras demonstram que reações empáticas não são restritas a humanos e que a compreensão do comportamento pro-social não pode considerar só intencionalidade cognitiva, e tampouco apenas valorizar a conexão emocional. O conjunto é complexo, intrincado e, acima de tudo, belo, revelando que o conceito de “humanidade” socialmente atrelado como a disposição para fazer “o bem” não é exclusividade dos seres humanos.

**Questões** do artigo: “*Intentional attunement: Mirror neurons and the neural underpinnings of interpersonal relations. Journal of the American psychoanalytic Association, 55(1), 131-175.*” – Gallese, V., Eagle, M. N., & Migone, P. (2007)

- A compreensão do funcionamento de neurônios-espelho e do processo de simulação como mecanismo funcional básico do cérebro pode nos levar a uma reflexão mais aprofundada do processo de construção de vieses inconscientes? (Possivelmente, sim, pois reconhecendo o processo de formação da percepção como agente indissociável da ação/comportamento, podemos compreender nossa visão de mundo e história pessoal como influenciadora da maneira como vamos nos relacionar. Certamente, essa é uma “extrapolação” do sistema apresentado, mas nos serve como provocação para ampliar o olhar da importância de como a construção da empatia é estimulada por processos funcionais sobre os quais não teremos, necessariamente, controle.)

- Ao mesmo tempo que reconhecer a sintonia intencional como fenômeno de aproximação da experiência, o que promove empatia – ou é parte de seu mecanismo, é necessário resguardar o espaço individual do “outro”, como legítimo “outro”, a fim de não promover ações que possam sofrer desvios de interesse, mesmo bem intencionados...